

Editorial

É SIGNIFICATIVO QUE, NOS dias de hoje, quando se vive uma espécie de ápice das ideias de *pós-verdade* ou do *revisonismo histórico*, os dois artigos que abrem o **Dossiê** desta edição de **MATRIZes, Comunicação, história e memória: diálogos possíveis**, de Marialva Carlos Barbosa, e **Pesquisa e metapesquisa sobre comunicação na América Latina**, de Raúl Fuentes Navarro, convoquem a história, colocando-a em diálogo, cada um à sua maneira, com a comunicação. No caso da autora brasileira, a reflexão percorre as diversas confluências entre história e comunicação. A história, enquanto disciplina científica, nota Barbosa, depende da comunicação, pois os documentos-rastros transformados em matéria-prima da história são “vestígios, indicando a existência de um passado e que nele foram gerados atos comunicacionais que permaneceram durando, como rastros ou como restos, como indícios ou materialidades do passado”. Porém, a reflexão da autora vai além, procurando discutir sobre as temporalidades na comunicação e na história, os atos narrativos que ambas produzem e o esfacelamento contemporâneo da articulação entre passado, presente e futuro, notando que a historicidade é governada hoje pela ação midiática. Já no texto do pesquisador mexicano, o autor defende a necessidade de incorporar a história como uma dimensão complementar e essencial à estatística, nas perspectivas comunicacionais voltadas à metapesquisa e à avaliação científica. A metapesquisa é discutida em detalhe por Fuentes, que a entende como um recurso científico contemporâneo, no entanto, ao recapitular aspectos da trajetória de institucionalização da pesquisa comunicacional na América Latina e suas fontes documentais, ele procura evidenciar que as estruturas de produção cultural e os modelos de representação que subjazem às práticas enraízam-se num terreno histórico afetado pelo passado e pelas tensões do presente, e nem sempre percebido pelos próprios pesquisadores.

Na sequência, os dois textos que o complementam o **Dossiê** abordam questões bastante contemporâneas. Assim, em **Perversão clean na cultura do consumo**,

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p7-9>

V.13 - Nº 1 jan./abr. 2019 São Paulo - Brasil EDITORIAL p. 7-9

MATRIZes

José Luiz Aidar Prado reflete sobre as transformações do capitalismo neoliberal e da cultura comunicacional na “cidade perversa” que fazem com que vivamos numa “sociedade em que todos interiorizam a lei de mercado a fim de buscar a satisfação das pulsões, desligando quando possível a função sujeito”. Desse modo, para o autor, precisamos de uma teoria psicanalítica das pulsões e das paixões para entender o tempo presente. No artigo **Tecnologias de comunicação transformadoras: o desafio da accountability**, Robin Mansell aborda as causas e consequências das transformações na mídia e nas tecnologias de comunicação, discutindo se os grandes atores globais responsáveis por elas devem prestar contas pelo modo como o ambiente digitalmente mediado está se alterando. A autora britânica nota que a discussão sobre a *accountability* acompanha vários momentos em que foram introduzidas tecnologias nas sociedades, mas hoje, perante os possíveis danos e riscos da inovação digital – em aspectos como a inteligência artificial e os *big data*, por exemplo –, a discussão da temática precisa de forte apoio do conhecimento de pesquisas, particularmente de comunicação, para dar apoio a políticas públicas preventivas.

Na **Entrevista** deste número, feita por Carlos Alberto de Carvalho, com Moisés de Lemos Martins, os leitores poderão conhecer o pioneiro papel de Martins no desenvolvimento dos estudos comunicacionais em Portugal, bem como iniciativas recentes de trabalho desenvolvidas por ele, como o Museu da Lusofonia, inclusive em parcerias com investigadores brasileiros e de outros países lusófonos, a partir do compromisso e interesse intercultural do entrevistado.

A seção **Em Pauta** deste número, com um total de nove artigos, apresenta um rico panorama do que vem sendo pesquisado pelos investigadores brasileiros. Temos, assim, trabalhos que transitam entre o teórico e o empírico, discutindo questões que reverberam no ambiente *online*, mas que vão muito além dele, caso dos artigos **A dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade**, em que as pesquisadoras Geane Carvalho Alzamora e Luciana Andrade estudam o processo comunicacional, caracterizado como ativismo transmídia, de propagação de notícias falsas sobre o julgamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, utilizando a teoria e os métodos de Peirce, e **Por uma genealogia do ódio online: contágio, viralização e ressentimento**, de Maria Cristina Franco Ferraz e Ericson Saint Clair, no qual os autores, em perspectiva filosófica, refletem sobre o fenômeno da disseminação de ódio nas redes sociais, acionando os conceitos de contágio e ressentimento, conforme o pensamento de Tarde e Nietzsche.

No artigo seguinte da seção, **Crítica e reconhecimento: lutas identitárias na cultura midiática**, Marcio Serelle e Ercio Sena analisam polêmicas relacionadas a duas produções culturais – o filme *Vazante* e a peça *Gisberta* –, utilizando a teoria do reconhecimento de Honneth, de modo a discutir como se empreende uma

nova forma de luta social na cultural midiática, com formas características de reivindicação. Mariana Baltar e Adil Giovanni Lepri, em **Gestões sensacionalistas: as atrações e o audiovisual no YouTube**, mostram como a espetatorialidade e a estética do audiovisual na web aproximam-se, por vezes, do chamado cinema de atrações, marcado pelo lógica do excesso e pelo sensacionalismo.

Em **No jardim das delícias: os dilemas de Brigitte Bardot no Rio de Janeiro**, Everardo Rocha e Lígia Lana analisam como a mídia noticiou a passagem da atriz francesa pelo Brasil em 1964, buscando compreender as relações entre o fenômeno da fama e a cultura, mostrando ainda como Bardot deu impulso ao desenvolvimento do turismo em Búzios. Um fenômeno audiovisual recente é investigado por Ariane Diniz Holzbach, em **Eles cresceram tão rápido: o Cartoon Network em diálogo com o desenho brasileiro *Irmão do Jorel***, que mostra que essa produção brasileira, veiculada num canal transnacional, incorpora variadas características locais, ao mesmo tempo que explora narrativamente elementos globais, reconhecidos internacionalmente.

No artigo **Contranarrativas filmicas Guarani Mbya**, de Marcos Aurélio Felipe, a produção documental de um coletivo é analisada, a partir da teoria pós-colonial e dos estudos filmicos, com objetivo de compreender como os cineastas indígenas usam os registros audiovisuais para problematizar as versões oficiais e estereotipadas sobre o seu mundo histórico. Também abordando o universo cinematográfico, o trabalho **A ética nas famílias contemporâneas: a alteridade radical no filme *Boyhood***, de José Célio Freire, Caio Monteiro Silva e Marcio Acselrad, busca investigar a ética nas famílias contemporâneas, utilizando teorizações de Lévinas, numa análise do filme mencionado no título. Por fim, encerrando a seção **Em Pauta**, o artigo **Rostos desfigurados: repúdio de imagens no espaço público**, de Felix Rebolledo Palazuelos e Tania Mara Galli Fonseca, apresenta uma série de retratos com rostos desfigurados no espaço público de quatro cidades latino-americanas. E, a partir de teorias de autores como Deleuze, Bergson, Benjamin e Barthes, discute essas imagens como signos icônicos, que devem ser vistos como indícios da interação dinâmica entre os retratos e os agentes desfigurantes anônimos.

Este número de **MATRIZES** é encerrado com a **Resenha A epistemologia crítica e invisível da comunicação**, de Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, que discute o recente livro *A comunicação que não vemos*, de Lucrecia D'Alessio Ferrara.

Desejamos a todos uma boa leitura. ■

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Margarida Maria Krohling Kunsch
Richard Romancini
Luciano Guimarães